

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 206 — Domingo, 19 de Maio de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS  
E CARIMBOS  
NA —  
TIPOGRAFIA SOCORRO  
FABRICA DE CARIMBOS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3  
AVENÇA

## A LIGAÇÃO DO ALGARVE À REDE DE ELECTRIFICAÇÃO NACIONAL



Eng. Carrilho Ramos  
Chefe dos serviços de exploração  
no Algarve da C. E. A. L.

### Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

#### Oásis na guerra iria

Em casa, uma niquenta de meter pilhas. Fora, uma olhada. O meu apetite não é de iguarias de Princesa Magalona. Comigo, se a lagosta e as trouxas de ovos se burocratizassem, ficava-lhes com raiva. Penso que o fastio vem de me imporem o almoço e o jantar e a merenda. E' a viagem que se faz de autocarro quatro vezes por dia e acaba por aborrecer ou por tornar-se indiferente.

Ja eu a subir a ladeira da praia, quando vejo uma velha, de lenço vermelho amarrado na cabeça, a assar sardinhas à porta de um restaurante popular. Por favor, não contem isto a ninguém, porque, se o médico sabe, vai ser o bom e o bonito!

Fique a olhar, muito séria, interessada no azular do peixe ao fogo.

— São boas — disse eu.  
A velha fez que sim, com a cabeça amarrada, escondendo no avental os olhos vermelhos do fumo.

— São pouco gordas — disse — mas há quem prefira assim. A senhora gosta?

— Gosto. Mas não posso comer...  
— Ora, Um dia não são dias...  
Uma estupidez, mas comer em público faz-me impressão. E' tão pouco estético... A velha lá entendeu à sua maneira o meu constrangimento.

— Se a senhora quisesse, eu pedia ao senhor Damão e ele arruma-lhe a mesa debaixo da roseira...  
Foi isto o que me resolveu. Juro. Resolveu-me mais a roseira do que a sardinha assada. Comer debaixo de uma roseira...  
E assim foi. Era um recângulo empedrado, que tinha, pendente de dois arames ferrugentos, um letreiro a carvão: «Retiro do Caracol». Por cima do rectângulo, uma trepadeira não sei de quê. Uns cachos miudinhos, brancos. Tão fora de ser roseira como eu de ser andorinha. O mar batia atrás da casa, lamuriendo como um pobre de pedir. No cercado, a galinha pedrês cantava ópera. Ao pé do muro, da banda da praia, soavam vozes de crianças. E eu, repousada, descontraída, profundamente grata à vida e à roseira-que-não-era, por aquele instante de oásis na guerra fria.

...De qualquer forma, meus amigos, não contem a ninguém. Sendo, se o médico sabe, vai ser o bom e o bonito. Não conseguirei provar-lhe que um dia não são dias.

EM entrevista recentemente concedida ao nosso prezado colega «A Voz de Loulé», o sr. engenheiro Idonímio Carrilho Ramos, chefe de exploração, nesta provincia, da Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, declarou que já se encontram concluídos os trabalhos de construção da subestação transformadora de Loulé e assentados os postos de transporte de linhas de Ferreira do Alentejo para aquela vila, pelo que a referida empresa está, presentemente, em condições de entregar energia aos distribuidores públicos dos concelhos de Loulé, Faro, Tavira, Silves e Portimão. Para tanto, aguarda-se apenas que as entidades oficiais superiores marquem o dia da inauguração da linha de 60 kw Ferreira-Loulé, subestação de Loulé e as linhas de 30 kw Loulé-Faro, Loulé-Tavira, Loulé-Portimão, subestação de Portimão e a linha de 15 kw para a cidade de Silves. Declarou, também, o entrevistado que, no mesmo ritmo de trabalho e ainda no corrente ano, seguir-se-ão os concelhos de Albufeira, Lagos, Monchique e Vila Real de Santo António.

Seria ocioso, cremos, salientar a importância de que este acontecimento se revele para o Algarve, sabido, como é, o valor decisivo que a electricidade desempenha no desenvolvimento económico de qualquer região, tornando-se indispensável como veículo de progresso. E nós, algarvios, de uma maneira geral, temos sempre lutado com sérias e graves deficiências em matéria de electricidade (não falando daqueles concelhos que, em plena idade atómica, se conservam virgens de tal «luxo»... eléctrico), deficiências que vão desde a produção e distribuição até aos preços escandalosos que por ela

paga o consumidor. A ligação do Algarve à rede eléctrica nacional abre, pois, novas e largas perspectivas ao desenvolvimento de todas as nossas actividades económicas, deixando, logicamente, antever uma melhoria geral de condições de vida — melhoria cuja extensão tem necessariamente que medir-se

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



Três aspectos das modernas instalações da Subestação de Loulé da C. E. A. L., que abrangem uma área de 15.000 metros quadrados

### EXCURSÃO DE ALUNOS ESPANHÓIS PRÉUNIVERSITÁRIOS

Acompanhados do Director do Instituto de Enseñanza Media «La Rábida», sr. dr. António Palma Chagueda, e das professoras licenciadas, sr.ª D. Librada Vasquez e D. Montemayor Izquierdo, estiveram nesta vila 30 alunos préuniversitários do Liceu de Huelva, que durante várias horas visitaram, com agrado geral, a nossa terra, pelo que nos informam que levam as mais gratas recordações.

Estes dignos visitantes faziam-se acompanhar pelo nosso prezado amigo sr. Manuel Féria Souza.

## AS PRAIAS DO ALGARVE

EMBORA seja indiscutível o valor turístico das praias do Algarve, é confrangedor e incompreensível o esquecimento a que têm sido votadas. Tudo ali é produto da Natureza ou do acaso, dois obreiros felizes em muitas outras ocasiões. Mas, neste caso, apenas servem para agravar a pobreza das suas condições, enquanto cresce ano após ano, o número de visitantes nacionais e estrangeiros.

SEM nos referirmos já aos divertimentos e distrações que devem constituir um indispensável complemento de qualquer estância balnear, verifica-se em todas elas a falta de hotéis e tendões em número suficiente e com instalações satisfatórias.

O ano passado, por exemplo, a Praia da Rocha, Monte Gordo, Albufeira, tiveram de rejeitar centenas de estrangeiros por falta de alojamentos, totalmente preenchidos desde Julho a Outubro. Alguns, mais teimosos, dormiram em barracas, pela praia ou

pelos campos próximos, ou arrumaram-se em casas particulares das localidades vizinhas. Muitas vezes tiveram de dormir nos automóveis, agarrados ainda a uma ligeira esperança. Mas a grande maioria teve de voltar ao ponto de partida, levando consigo apenas uma recordação pouco agradável.

E' um problema velho. Agora, que os rigores do Inverno ficaram para trás e os pensamentos se voltam já para as férias, não muito longínquas, volta a ser tema de discussão. Uma discussão amena, sem controvérsias, pois todos estão de acordo, tal como há quatro, cinco, seis anos atrás, que é preciso resolvê-lo urgentemente. Mas quando se pensa nas medidas de ordem prática e, sobretudo, quando se intenta a sua execução, surgem aquelas dificuldades pequeninas e imprevisíveis, aquela resistência mole, obstinada, de algóvão em rama, que aos poucos vai tolhendo os movimen-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

### COMO RESOLVER A CRISE DE HABITAÇÃO LOCAL?

## DEPOEM DOIS CONSTRUTORES CIVIS DA NOSSA TERRA

DANDO prosseguimento a um artigo por nós publicado há duas semanas, vimos hoje, de novo, debater nas colunas do «Noticias do Algarve» o tão crucial problema da crise de habitação em Vila Real de Santo António.

Desta vez, animados da melhor vontade de dar alguns elementos esclarecedores a quem, na nossa terra, esteja possuído do desejo de construir habitações fomos entrevistados, em primeiro lugar, um dos mais antigos e sabedores construtores civis desta vila, o sr. Mateus Fernandes.

A nossa entrevista resultou numa agradável conversa, em que tratámos vários assuntos todos relacionados com a construção civil em Vila Real de Santo António.

Após alguns minutos de palestra, chegámos a uma conclusão que, no citado artigo, já havíamos previsto.

Em parte, a crise habitacional é devida à falta de iniciativa de capitalistas ou empresas particulares. Nós bem sabemos que os dividendos tirados dessas construções são muito pequenos, mas, talvez com um pouco de vontade, e um pouco de «bem fazer», se pudesse dar solução ao problema. Há dezenas de anos, vários particulares construíram grandes blocos de casas nas ruas de Pinheiro Chagas, João de Deus, dr. António de Passos, Oliveira Martins, Infante D. Henrique, etc., que ainda hoje, passado tanto tempo, estão de pé e a dar lucros aos

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## INICIA-SE amanhã, dia 20

### O ANUNCIADO SERVIÇO DIÁRIO DE AUTOMOTORAS ENTRE ESTA VILA E A CAPITAL

EMBORA, em matéria ferroviária, sejamos como S. Tomé, que só acreditava depois de ver, julgamos que a C. P. não nos colocará mal se atirarmos, com 24 horas de antecedência, um foguete de regozijo pelo início da carreira diária de automotoras entre esta vila e a capital. E outro foguete ainda — este de sincero agradecimento ao Conselho de Administração e à Direcção da C. P. por ter atendido, finalmente, uma velha aspiração algarvia. Bem hajam! E bem haja, também, a Casa do Algarve pela sua persistente acção, a lembrar-nos o velho adágio da água mole...

Se tudo correr como está previsto, sairá amanhã, dia 20, pelas seis e quinze horas da manhã, do apeadeiro do Guadiana, a primeira automotora deste desejadíssimo serviço, que nos permite ir tratar da vida a Lisboa e

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

## O AMBIENTE RURAL NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

(Conclusão do número anterior)

DURANTE a guerra — afirma o inglês Kenneth Lindsay — notou-se que as crianças evacuadas das cidades para os campos viviam aqui com melhor saúde e aprendiam com mais proveito. Embora houvesse aspectos tristes nessas emigrações, não pode negar-se que brilhava nova vida nos rostos das crianças e que nelas despertara maior curiosidade mental. E' como se tivessem entrado na posse de heranças até então sonegadas. João Jacques Rousseau escreveu, a propósito de educação, que as cidades são os sorvedouros da espécie humana. Passaram muitos anos. Há hoje famílias das cidades que procuram dar a seus filhos, com algum tempo de vida livre no campo, as facilidades para o seu bom desenvolvimento físico e mental, que resultam do contacto com a natureza e da liberdade de movimentos. Mas há também famílias que, vivendo no campo, prendem

seus filhos com demasiados preceitos, tolhendo a sua livre expansão, o que é falsear o conceito da vida rural.

No verdade, o ambiente ideal para a educação das crianças, pelo menos durante os primeiros anos de vida, é o dos campos, não só pela pureza do ar e pela lar-

PELO  
Prof. Dr. FERREIRA DE MIRA

ga exposição ao sol, mas também pelas actividades simples, ao alcance da compreensão das crianças e de acordo com as necessidades do primeiro período do seu desenvolvimento e formação integral. Aí encontram, por si próprias, motivos de interesse para os seus trabalhos a que damos o nome de brincadeiras. A vida em jardins esmerada-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

### O ETERNO desconhecido...

Um diário lisboeta, a propósito da recente viagem presidencial ao Algarve, brindou-nos com este pequeno e sugestivo trecho: «O sr. Presidente da República apreciará ainda o plano de rega do Alentejo e seguirá depois para S. Brás de Alportel, onde passa a noite em casa do sr. eng. Sebastião Ramires, seguindo amanhã para o Algarve».

Um único comentário: Onde diabo ficará S. Brás de Alportel?...

### O PROBLEMA DO ABASTECIMENTO DO PÃO aos pescadores, nesta vila

O artigo que publicámos no nosso último número sob o título de «Uma providência que urge solucionar» deu origem a várias controvérsias nos meios afectos à panificação e teve o condão de movimentar algumas entidades a quem, em parte, está adstrito tão magno problema, o que só prova o interesse que as mesmas dedicam ao abastecimento das populações que estão sob a sua jurisdição e a razão que nos assistia quando ventilámos tal assunto.

Por esse motivo, e na louvável intenção de se documentarem sobre a questão e procurarem dar-lhe a solução que requeria, estiveram nesta vila, no passado dia 15 do corrente, o presidente do Grémio dos Industriais de Panificação de Faro e o chefe da Fiscalização do mesmo organismo, respectivamente srs. Jerónimo

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

### COMPARTICIPAÇÕES PARA O ALGARVE

Pelo Fundo do Desemprego, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu 66.400\$00 para os seguintes melhoramentos em curso no Algarve:

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, para construção do caminho de acesso à praia de Santo António, reforço, 28.000\$00; a Câmara Municipal de Castro Marim, para reparação de arruamentos, reforço, 7.400\$00; e, à direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Faro, para reparações da sua sede em Olhão, reforço, 31.000\$00.

### O HINO DE SAGRES

Com o pseudónimo «Alcione», classificou-se em primeiro lugar, no concurso aberto pela Casa do Algarve para a música do «Hino de Sagres», a distinta compositora sr.ª D. Elvira de Freitas, filha do ilustre maestro Frederico de Freitas.

O júri era constituído pelos maestros Eduardo Pavão de Magalhães, Venâncio Pinto e Hermínio do Nascimento. Em sessão cultural que deve realizar-se no próximo dia 22, a composição premiada será executada em público pela primeira vez, e entregue à autora o «Prémio Libânio Correia», da importância de mil escudos.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso prezado assinante sr. eng.º M. D. M. Falconer.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. José António Marques Pacheco, residente no Barreiro.

Com curta demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Hugo Celorico Drago.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. António Sequeira.

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, conceituado médico na capital.

Encontra-se nesta vila a sr.ª D. Maria José Socorro Tenório, filha do nosso prezado assinante sr. Manuel Peres Tenório.

### Pedido de casamento

Por seu pai, sr. Alfredo de Campos Faisca, concelheiro comerciante e industrial, foi pedida em casamento, para seu filho sr. João António Pereira de Campos, a sr.ª D. Maria Josefa Machado Correia, filha da sr.ª D. Maria Emília Machado Correia e do sr. António Peres Correia, gerente industrial da Fábrica Tenório, devendo o enlace matrimonial realizar-se no fim do corrente ano.

## FALECIMENTO

### D. Caetana Peres Machado

Em Lisboa, onde residia, faleceu após prolongada doença, a sr.ª D. Caetana Peres Machado, de 85 anos de idade, natural desta vila e mãe do nosso querido amigo e prezado assinante sr. Manuel Hilpólito Machado, sogra da sr.ª D. Maria Amélia Leiria Machado e avó dos srs. Henrique Marcelo Leiria Machado e Manuel Severino Leiria Machado.

A família enlutada do «Notícias do Algarve» apresenta a expressão sincera do seu pesar.

## LOJA «SINGER»

Rua Miguel Bombarda, n.º 91  
Telefone 73

O Agente nesta vila tem o prazer de comunicar aos seus estimados clientes que está aberta e inscrição para as senhoras que desejarem aprender, grátis, o corte de costura e bordados à máquina.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

## GUARDA-LIVROS

Precisa firma de movimento, preferência sabendo inglês e dactilografia. Indicar todos detalhes pessoais, profissionais e ordenado que pretende. Indispensável referências. Resposta a este jornal, ao número 65.

## STELBERTO - Cabelleiro



Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executam os mais actualizados penteados pela técnica mais moderna

Permanentes a frio, Quentes e Mornas

Tintas, Mises, Cortes, etc.

Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas

Desfrisa cabelos encarapinhados

Salão LAURÉA

RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# A LIGAÇÃO DO ALGARVE À REDE DE ELECTRIFICAÇÃO NACIONAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pela forma como foi distribuída essa energia e pelo preço por que chegar até ao consumidor. Por consequência, há duas interrogações que não podemos deixar de formular:

Tem qualquer distribuidor à sua disposição a energia de que careça?

Quais as tarifas que a CEAL cobra pelo fornecimento dessa energia?

A ambas se refere o sr. eng.º Carrilho Ramos na notável exposição feita à «Voz de Loulé» e que, por acharmos do maior interesse a sua divulgação, transcrevemos seguidamente.

Referindo-se à primeira daquelas perguntas, feita pelo nosso estimado colega louletano, o distinto técnico esclareceu:

— Tudo indica que sim: A rede de distribuição da CEAL é abastecida pela grande rede que interliga os grandes centros produtores de energia eléctrica, que inclui já quase 92% da produção do País, percentagem que tem tendência a subir, visto que o desenvolvimento da produção se deve verificar nessa parte da rede eléctrica nacional.

Até 1958, o programa de realizações para a produção de electricidade já está definido de longa data, e em execução e para o período 1958/1964, estão a ser feitos estudos de novas fontes de energia, a realizar na vigência do segundo PLANO DE FOMENTO NACIONAL.

Por não haver no subsolo do continente português carvões que, em quantidade e qualidade, possam assegurar um económico e regular funcionamento de centrais térmicas, facilmente se compreenderá que a orientação seguida será ainda bem definida pela base II da lei 2.002, que tanto tem contribuído para o desenvolvimento da indústria eléctrica:

«A produção de energia eléctrica será principalmente de origem hidráulica. As centrais térmicas desempenharão as funções de reserva e apoio, consumindo os combustíveis nacionais pobres, na proporção mais económica e conveniente.»

Ora, as nossas disponibilidades hidro-eléctricas computam-se em cerca de 12.000.000.000 kwh em ano médio seco e o consumo em 1954, segundo as estatísticas, foi de 1.660.000.000 kwh, prevendo-se para 1964 — considerando-se um acréscimo médio anual de 10% — um consumo de 5.750.000.000 kwh, que representa um terço dos nossos recursos hídricos.

Valor da ponta kw	Primeiras 30 horas	60 horas seguintes	90 horas seguintes	Restantes horas
Até 50 . . . . .	\$130	\$98	\$70	\$60
De 50 a 150 . . . . .	\$125	\$94	\$67	\$57
De 150 a 500 . . . . .	\$120	\$90	\$64	\$54
De 500 a 2.000 . . . . .	\$115	\$86	\$61	\$51
Acima de 2.000 . . . . .	\$110	\$82	\$58	\$48

Os preços de energia, em alta tensão para FORÇA MOTRIZ AGRÍCOLA, serão iguais aos fixados naquele quadro com o desconto de 10% e os escalões correspondentes aos diferentes preços serão os seguintes:

1.º escalão — As primeiras 180

A taxa de aumento de 10%, aqui considerada, é anormalmente alta (a taxa média mundial é da ordem de 6 a 7%); todavia, é estatisticamente aconselhada e justifica-se se considerarmos que somos um país industrialmente atrasado, mas que estamos a progredir a olhos vistos e queremos continuar no caminho da industrialização, além de estarmos numa altura em que nos esforçamos por tornar uma realidade a electrificação rural.

A seguir a 1964, deve dar-se o início do período em que se espera ter certa importância a contribuição da energia nuclear. Efectivamente, as últimas notícias vindas a público dizem que devemos dispor já em 1963/1964 da primeira central nuclear ainda para ensaios. Como somos um país rico em urânio, é muito possível que a energia nuclear venha a ter uma notável importância na electrificação nacional.

Damos, assim, muito sucintamente, uma ideia de como a nossa produção vai evoluindo e estamos certos de que as respectivas realizações deverão ser orientadas de maneira a garantir o consumo em qualquer ano.

Por outro lado, a Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve é obrigada a fornecer energia eléctrica a qualquer consumidor, como atrás dissemos e, assim, podem os distribuidores contar com toda a energia de que careçam.

Quanto ao preço que a CEAL cobra pelo fornecimento de energia, o sr. eng.º Carrilho Ramos informou:

As tarifas foram publicadas no «Diário do Governo» n.º 48 — II Série de 27 de Fevereiro de 1957, e são as seguintes:

A) Fornecimento aos serviços públicos de distribuição em baixa tensão:

Os preços de venda de energia serão estabelecidos em função da utilização e do valor da ponta de cada consumidor pela forma seguinte:

F — P — 0,06 (97,5 P + 0,65 W).

Em que:

F é o valor da factura mensal em escudos.

P é a ponta máxima de quinze minutos consecutivos em kw.

W é o consumo mensal em kwh.

B) Fornecimento às restantes entidades consumidoras em alta tensão:

Os preços de venda de energia serão estabelecidos em função da utilização e do valor da ponta de cada consumidor, sendo o preço de cada kwh dado pelo quadro seguinte:

Valor da ponta kw	Primeiras 30 horas	60 horas seguintes	90 horas seguintes	Restantes horas
Até 50 . . . . .	\$130	\$98	\$70	\$60
De 50 a 150 . . . . .	\$125	\$94	\$67	\$57
De 150 a 500 . . . . .	\$120	\$90	\$64	\$54
De 500 a 2.000 . . . . .	\$115	\$86	\$61	\$51
Acima de 2.000 . . . . .	\$110	\$82	\$58	\$48

horas de utilização anual da ponta tomada;

2.º escalão — As 360 horas seguintes;

3.º escalão — As 540 horas seguintes;

4.º escalão — O consumo restante.

## VEÍCULOS HIPOMÓVEIS

Avisamos os srs. proprietários de veículos hipomóveis de que a postura sobre o revestimento, em borracha, dos rodados entra em vigor no próximo dia 1 de Julho.

## CINE-CLUBE

de Vila Real de Santo António

O Cine-Clube realiza, no dia 21 do corrente, mais uma sessão, desta vez exibindo no Cine-Foz uma grande película francesa que há muito desejávamos ver! *Fox-se Justiça*, do grande realizador André Cayatte.

Serão projectados alguns filmes de curta metragem.

## JOSÉ VASCO NUNES

MÉDICO

Consultas todos os dias a partir das 15 horas.  
Consultas aos pobres às Terças-feiras e Sábados — pelas 16 horas.

Consultório - Rua da Princesa, 90  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.



## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Incêndio

Na manhã do dia 15 do corrente, houve princípio de incêndio num depósito de lenha da fábrica de moagem de J. A. Pacheco, desta cidade.

Chamados os Bombeiros Municipais, estes extinguiram o fogo em pouco tempo.

Segundo nos informaram, os prejuízos foram poucos.

#### Proissão das Velas

Na noite de domingo, 12 do corrente, realizou-se a proissão das velas, em honra de Nossa Senhora de Fátima, a qual percorreu as ruas do costume, acompanhada de muito povo.

Ao recolher, houve a continuação do mês de Maria.

#### Luz Eléctrica

Segundo lemos num jornal da capital, um engenheiro japonês anuncia que inventou um instrumento por meio do qual se pode aumentar dez vezes a luminosidade da luz eléctrica, em que se consome apenas uma décima parte da energia actualmente utilizada. Fazemos votos para que esse invento chegue o mais depressa possível à nossa terra, a fim de vermos a luz baratear e certos postes das nossas ruas terem iluminação decente, pois alguns parecem ter lâmpadas de dormitório...

#### Janelas floridas

Maio é sem contestação o mês das flores. Jardins e placas encontram-se floridos, o que dá à terra um brilho desusado. Vemos igualmente algumas janelas floridas, o que só demonstra o bom gosto das suas possuidoras.

Bom seria que esse bom gosto se estendesse a todos quantos têm janelas, principalmente nas ruas principais, o que viria alindar mais a cidade e proporcionar a quem nos visita um bom aspecto visual.

#### Estacionamento de Veículos

Continua sem solução o caso do estacionamento de veículos na rua da Liberdade, a rua principal da cidade, atravessada pela Estrada Nacional n.º 125. O movimento é intenso, e há quem estacione ali, fazendo da estrada parque, de um lado; e, do outro, prejudicando os veículos que desejam passar e, também, o comércio local. Chamamos a atenção da Junta Autónoma das Estradas, a quem a referida estrada pertence, a fim de solucionar este problema. — C.

## ALCOUTIM

#### Água e Luz

Estão concluídas as pesquisas de água há-de fornecer o caudal para abastecimento da vila. Sabemos também que se aproximam os trabalhos da instalação da rede eléctrica que beneficiará o concelho.

#### Semana Santa

Decorreram com toda a compostura as cerimónias comemorativas desta solene quadra do ano, e que há 40 anos se não realizavam nesta vila.

#### Excursão

Em peregrinação a Fátima e para assistir às solenidades que nesta época ali se realizam, partiu uma excursão desta vila e de outros elementos do concelho.

#### Casamento

Realizou-se o casamento do sr. Francisco Neto, aspirante da Repartição de Finanças deste concelho, com a sr.ª D. Orin Ribeiro. Aos nupcias, nossos conterrâneos, desejamos imensas felicidades.

#### Notícias pessoais

— De Lisboa, onde em Janeiro foi operado, regressou à sua casa desta vila o sr. António Patrocínio dos Santos, funcionário dos correios.

— Esteve em Lisboa, tendo já regressado à sua casa em Martinlongo, o sr. José Martins Pereira.

— Também esteve em Lisboa, de onde já regressou à sua casa de Marim, o sr. Domingos António Afonso.

— Igualmente, esteve na capital, de visita a seu filho, e já regressou à sua casa de Giões o sr. José Centeno Passos. — C.

## CINE-FOZ

Hoje, um filme que convulsionou o mundo inteiro, com a grande vedeta Rita Hayworth e Glenn Ford: GILDA, uma película excitante, tempestuosa e apaixonante. Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, a COLINA DA SAUDADE, com William Holden e Jennifer Jones. A história verdadeira de um amor secreto. Para maiores de 17 anos.

## AGENDA

### MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António  
De 11 a 17 de Maio:

#### TRAINEIRAS

Raulito . . . . .	224.065\$00
Conceicanita . . . . .	178.560\$00
Ramira . . . . .	149.140\$00
Aldita . . . . .	137.750\$00
Flor do Guadiana . . . . .	129.330\$00
Norte . . . . .	104.430\$00
Flor do Sul . . . . .	98.733\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	95.100\$00
Brisa . . . . .	83.480\$00
Triunfante . . . . .	70.780\$00
Maria Rosa . . . . .	63.087\$00
Liberta . . . . .	47.460\$00
Sul . . . . .	47.070\$00
Agadão . . . . .	38.250\$00
Deolinda Rita . . . . .	35.600\$00
Levante . . . . .	34.650\$00
Andaz . . . . .	27.990\$00
Rajada . . . . .	26.960\$00
Pinguim . . . . .	23.015\$00
Alvarito . . . . .	8.950\$00
Tóluis . . . . .	3.060\$00
Luís Fernando . . . . .	1.340\$00
Total . . . . .	1.628.800\$00

#### CERCO

Novo Machado . . . . . 16.210\$00

#### Atum da Costa Algarvia

662 Atuns . . . . .	950.066\$60
13 Atuarrós . . . . .	10.966\$60
4 Albacorras . . . . .	2.283\$30
1 Cachorreta . . . . .	341\$70
420 Bonitos . . . . .	945\$00
Total . . . . .	964.603\$20

#### Atum da costa de Marrocos

De 7 a 18 de Maio

Armação do Cabo Espartal (Tanger) — 90 atuns . . . . .	19.482 Kgs.
Armação Ceizozos (Larache) — 752 atuns . . . . .	153.671 »
Armação Ponta Negra (Larache) — 130 atuns . . . . .	27.381 »
Armação Garifa (Arcila) — 210 atuns . . . . .	43.382 »

#### Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António  
De 10 a 16 de Maio:

#### Entradas:

TRES CEPAS, Marroquino, de 45 ton., de Larache, com atum fresco.  
ZÉ MANUEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.  
GOLFINHO (rebocador) e PAREDE (batelão), de 261 ton., Portugueses, de Lisboa, vazios.  
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazios.  
LA CASTIZA e COMETA, Espanhóis, de Tanger, com atum fresco.

#### Saídas:

TRES CEPAS, Marroquino, para Isla Cristina, vazio.  
ZÉ MANUEL e MIRA TERRA, Portugueses, para Lisboa, com minério.  
GOLFINHO e PAREDE, Portugueses, para o Porto, com enxofre.  
LA CASTIZA e COMETA, Espanhóis, para Tanger, vazios.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 18 a 24 de Maio, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 49.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio



PORTO  
RAINHA  
SANTA

ATÉ  
OS ANJOS  
BEBEM!...

RODRIGUES PINHO  
& C.ª

Vila Nova de Gaia

## A TODO O ALGARVE

### PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL

Participa a inauguração do alargamento das suas instalações.  
Ótimos quartos com água corrente e camas, como nos bons hotéis.

Rossio, 59-2.º e 3.º Esq.º — Telefone 22511  
LISBOA

Filial — Pensão Estrela dos Anjos (1.ª Classe)

Serviço de Restaurante, recentemente inaugurado a preços acessíveis.

Rua dos Anjos, 70 — Telefone 41379  
LISBOA

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do  
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Secção orientada por DAVID LOPES

O PROBLEMA DO CINEMA NACIONAL (1)

Comentado e discutido por David Lopes, Candelas Nunes e José Espinho

HÁ dias, juntámo-nos os três e aconteceu discutirmos o cinema nacional. De tal conversa, que nada teve de debate, sendo, antes de mais nada, uma amena cavaqueira de três amigos sobre as riquezas e misérias do nosso cinema, aqui iremos dando nota aos leitores desta secção, pois que o assunto é demasiado vasto para ser tratado num único número. Que nos desculpem a pretensa vaidade de pormos em letra de forma aquilo que discutimos, mas nós acreditamos que só da discussão nasce a luz e que, quanto mais discutidos forem os problemas, mais eles se encaminharão no sentido da solução ideal. (Que isto de cinema português, a verdade é só uma e as opiniões terão que ser forçosamente de semelhança nítida...) Mas, enfim, eis a conversa:

Candelas Nunes — Proponho, portanto, que se fale sobre cinema português... José Espinho — Assunto que, a meu ver, se reveste de primordial importância no Portugal de hoje. Da discussão que se vem estabelecendo em torno do cinema não poderemos, de forma alguma, alienar a nossa produção. A arte das imagens em Portugal atravessa uma etapa em que se torna necessária muita discussão. David Lopes — Dizes bem, Espinho. O assunto é demasiado complexo para se apresentar ou resolver com meia dúzia de palavras. Mas tentemos fazer uma rápida análise do estado actual do nosso cinema.

C. N. — A causa vem de longe. D. L. — Sim. Pesando os factos, verificamos que em Portugal nunca chegou a existir verdadeiramente um cinema que se pudesse chamar nacional.

C. N. — Não obstante ter sido Portugal um dos primeiros produtores de filmes. No campo do bom cinema vivemos de excepções, como Manuel de Oliveira, com «Aniki-Bóbó», «Douro, faina fluvial» e o recente «O Pintor e a Cidade», e Leitão de Barros, nalgumas das suas primeiras tentativas, e pouco mais.

D. L. — Mesmo essas excepções, como lhes chamamos, excepções que, sem dúvida alguma, são de mérito, morrem afogadas nesta avalanche de inutilidades que se têm vindo a manter até aos nossos dias.

J. E. — Um dos grandes factores que, quanto a mim, mais têm impedido o desenvolvimento do cinema português é, precisamente, a questão económica. Concordam?

D. L. — Certamente. Sempre temos vivido em regime de experiências mais ou menos falhadas, tentativas, mercantis da parte de indivíduos que, muitas vezes, nada têm que ver com cinema e que não podem de forma alguma servir de base ao cinema nacional que nós desejaríamos... Acho oportuno fazermos um breve esquema das causas que têm obstado ao desenvolvimento do nosso cinema, obrigando-o a um estado normal de permanente crise.

C. N. — Partindo do princípio de que o cinema é

indústria antes de ser arte, devemos considerar como causa principal de tal crise a não existência de um regime de produção continua, assente em firmes bases económicas...

J. E. — Regime que só poderá ser conseguido por meio dos departamentos do Estado.

D. L. — Eis aí um dos pontos nodais da questão. A produção cinematográfica no nosso país tem estado, quase sempre, entregue a particulares, mais interessados em furos de bilheteira do que nas funções culturais do cinema. Só uma fiscalização exigente e rigorosa da parte do Estado, ou a produção à sua própria custa, poderia acabar com este tom de aventura que se tem mantido na produção portuguesa de filmes, tornando-a séria e digna.

J. E. — Mas se o cinema é indústria antes de ser arte, segundo o conceito há pouco exposto pelo Candelas, não será a atitude dos nossos financeiros de cinema perfeitamente coerente e justa?

C. N. — Pela parte que lhes toca, mas não no que respeita ao público e ao próprio cinema em si. E' perfeitamente coerente e justo que cada qual defenda os seus interesses, mas, se considerarmos em cinema duas realidades intimamente ligadas, arte e indústria, não negaremos que o cinema seja indústria, mas afirmamos também que o cinema é arte. Ora, se é arte, o cinema tem responsabilidades que os nossos industriais, que têm jogado em cinema como se este fosse a lotaria, não estão dispostos a reconhecer-lhe. Um cinema apenas indústria será, evidentemente, um cinema coxo e vesgo, como o nosso sempre tem sido.

J. E. — Concordo. D. L. — São, aliás, conhecidas produções fundamentalmente comerciais, mas de manifesto nível artístico.

J. E. — Sim, há que reconhecer a inteligência de um tal equilíbrio, porque não se pode esquecer que o cinema se dirige a massas heterogénias, em que se debatem gostos dispare. Mas alguma vez houve no nosso cinema qualquer tentativa de produção que resultasse equilibrada?

C. N. — Muito raramente e sem quaisquer resultados positivos. E o pior é que, de filme para filme, parece agravar-se a vacuidade do cinema português, na medida em que cresce a impaciência do público por este estado de coisas. Tem-se abusado da comédia barata, da piada revisteira, dos problemas mesquinhos de famílias «pires», discutidos à mesa, enquanto o pai almoça e a menina sonha com o namorado rico, que tem automóvel. Não tem havido a mínima dignidade no nosso cinema. Os produtores portugueses têm levado longe de mais a sua transigência com o gosto do público...

J. E. — A tal ponto que esse mesmo público, até aqui tratado como analfabeto, os suplantou em gosto...

(Conclui no próximo número)

INICIA-SE AMANHÃ, DIA 20 O ANUNCIADO SERVIÇO DIÁRIO DE AUTOMOTORAS ENTRE ESTA VILA E A CAPITAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

regressar no mesmo dia.

Para dar ao importante acontecimento a necessária solenidade, deliberou a Casa do Algarve que uma representação dos seus Corpos Gerentes se deslocou ao Barreiro, pelas 12 horas, a fim de aguardar aquela automotora, sendo provável que também estejam presentes funcionários superiores dos Caminhos de Ferro. Seguidamente, a mesma representação, acompanhada de outras entidades idas do Algarve e que queiram associar-se ao acto, irão apresentar cumprimentos, em Lisboa, à Administração e Direcção-Geral da C. P. — dever de gratidão a que o «Notícias do Algarve», impossibilitado de estar presente, desde já se associa, em espirito.

E como os algarvios, além de saberem ser gratos, também sabem receber, a prestigiosa e dedicada Direcção da nossa Casa Regional oferecerá, pelas 17 horas, na sua sede, um «vinho de honra» aos representantes da C. P., do Secretariado Nacional da Informação, Imprensa e outros convidados.

A automotora passará em Faro às 7 e 43, em Tunes às 8 24, na Funcheira às 9 e 50, em Grândola às 10 e 45, em Alcácer do Sal às 11 e 2, em Setúbal às 11 e 45 e chegará a Lisboa T. P. às 12 e 50. O regresso da capital verifica-se às 19 e 25, com chegada a Faro às 0 e 29 e a Vila Real de Santo António-Guadiana à 1 e 35.

Lusitano Futebol Clube

Prossegue animadamente o movimento em prol da futura melhoria das instalações do campo desportivo do Lusitano F. C., trabalhando a respectiva comissão angariadora fundos com o melhor entusiasmo para tornar em realidade esse legítimo anseio de sócios e adeptos do referido clube.

No apuramento da primeira fase da sua actividade, sabemos que a comissão verificou ter sido já entregue ao seu cuidado a importância total de esc. 2.576\$10, quantia que, embora manifestamente insuficiente para o volume de tudo quanto se projecta realizar, representa, porém, o início de uma útil obra de valorização do nosso popular Lusitano.

**EXGELSIOR**  
As melhores tintas para navios de pesca e comércio

**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**  
Depositário nesta Vila: **MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República — Telefone 12

**VENDE-SE**  
**UMA GELEIRA TIPO FRIGORÍFICO**  
INFORMA: **JANELAS VERDES**  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.

**Praia de Monte Gordo MORADIA**  
Rua Gonçalves Zarco, 19  
Aluga-se durante a época balnear. 10 divisões, quintal, água canalizada, luz eléctrica, esgotos. Informa: Paulo Castela — Avenida João XXI, 22-4.º Dto. — Telef. 723328 — LISBOA.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D) LUSITANO, 7 — ESTRELA, 2

Jogo efectuado em Vila Real de Santo António, no Campo «Francisco Gomes Socorro», arbitrado por Manuel Barulho, de Setúbal.

Os grupos alinharam:

Lusitano: Ramos; Pescada e Gonçalves; Padesca, An-

tunes e Daniel; Parra, Salvador, Vitoriano, Araújo e Ludgero.

Estrela: Pepe; Cavaca e Bica; Biscainha, Norma e Serra; Borges, António José, Parra, Severo e Lopes.

O jogo decorreu sem grande movimento e bastante monótono, pois a equipa do Lusitano, desde o princípio, impôs a sua supremacia.

Com uma boa arbitragem, o jogo decorreu calmamente, tendo o primeiro golo sido marcado aos 30 minutos, por Daniel.

Do Lusitano, destacaram-se Ludgero, Daniel, Vitoriano, Padesca, Araújo e Parra.

No Estrela, temos a destacar Pepe e José António.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
F.C. Serpa	5	2	3	—	14-6	7
Lusitano	5	2	1	2	14-14	5
Elvas...	5	1	3	1	9-7	5
Estrela...	5	1	1	3	8-18	3

Termina hoje a penúltima fase, com os seguintes encontros:

Elvas - Lusitano  
Estrela - Serpa

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

Começa a disputar-se hoje, pelas 16 horas, o já tão conhecido, como ansiosamente esperado, «Torneio Popular de Futebol», excelente escola de correcção, ensinamentos e desenvolvimento da modalidade.

Em Vila Real de Santo António, os «Torneios Populares de Futebol» têm dado bons valores não só ao futebol vilarrealense mas também ao futebol nacional, e assim vemos muitos «ases» dos clubes chamados grandes terem saído desta «escola», que, na verdade assim se pode chamar.

E' sempre com agrado que registamos iniciativas desta natureza, e aqui felicitamos o Lusitano pela colaboração prestada, pondo o seu campo de jogos à disposição dos clubes populares, e além disso sendo eles próprios os organizadores do Torneio.

Estão em disputa dois troféus: Taça «Luís Félix da Silva» e Taça «Correcção», que será entregue ao Clube que chegar ao final com menos castigos.

As equipas concorrentes são cinco: Guadiana, Atlético, Hortalense, Celeiro e Beira-Mar.

O calendário encontra-se já elaborado, realizando-se os jogos às 16 e 18 horas.

CALENDÁRIO

1.º Domingo = Guadiana-Atlético e Beira-Mar-Hortalense.

2.º Domingo = Atlético-Beira-Mar e Celeiro-Hortalense.

3.º Domingo = Guadiana-Celeiro e Hortalense-Atlético.

4.º Domingo = Beira-Mar-Guadiana e Atlético-Celeiro.

5.º Domingo = Hortalense-Guadiana e Celeiro-Beira-Mar.

Temos a desejar que o Torneio atinja os fins em vista, que são os de formar novos jogadores, que irão enriquecer o quadro futebolístico existente, e além disso, que seja uma escola de virtudes onde todos lutem com lealdade e sem o intuito de molestar ou arranjar questões que nada dignificam o desportista que as pratica e estariam fora do âmbito para que o Torneio foi criado.

São estes os nossos votos.



REFRIGERANTES SIMON

5 LETRAS QUE QUEREM DIZER

SUPERIORES  
INCOMPARÁVEIS  
MAGNÍFICOS  
OPTIMOS  
NATURAIS

UMA MARCA CONSAGRADA

VÁRIOS TIPOS E SABORES

BEBA-OS!  
A QUALQUER HORA!

AO PREÇO POPULAR DE 1\$20

Tive a felicidade de poder visitar a Exposição de Pintura e de Escultura, do Salão da Primavera de 1957, na Sociedade Nacional das Belas Artes.

Cerca de trezentos trabalhos de pintura enchem as paredes dos três amplos compartimentos dessa sociedade. Trabalhos devidamente seleccionados, entre cerca de um milhar recebido com destino a tal exposição. Houve diversos prémios para os trabalhos melhor classificados, como é hábito. Mas... não é sobre o aspecto artístico que quero fazer este «apontamento». É, sim, sobre o valor atribuído ao quadro principal, isto é, ao que mereceu a «medalha de honra», de mestre João Reis. É uma tela grande, sugestiva, de azuis diversos, sobre a Nazaré e os seus pescadores. Bem, não sei se algum dos leitores já sabe que preço figurava no respectivo catálogo. Para os que não viram tal catálogo é que eu quero informar: 70 contos! Setenta contos de réis, evidentemente! Os outros, os contos para ler e tentar distrair valem quase nada ao pé dos «reais», dos «verdadeiros»...

COLUMBÓFILOS

Todas as aves merecem o carinho dos homens. Ou deviam merecer o carinho dos homens. Mas, de entre elas, uma há que simboliza uma das melhores conquistas da Humanidade: a PAZ. Símbolo da alegria, da felicidade, a PAZ tem nas lindas aves, que são as pombas, o emblema da sua expressão de conquista pacífica!

Nesta vila, o desporto columbófilo tem já muitos cultores. Dá prazer, em certas tardes, ver sobre a nossa terra os bandos de pombos nos seus alegres voos pelo espaço, velozes, ágeos, bonitos! Mesmo para qualquer de nós, que não praticamos tão belo e apaixonante desporto, ver as esbeltas aves voando sobre os telhados, ou «atterrando» nos seus lugares habituais, proporciona momentos de puro enlevo.

Há uns dias, porém, o espectáculo foi mais aliciante. Dois jovens columbófilos perscrutavam com ansiedade os céus, numa das ruas da nossa terra. Vários pombos regressavam de qualquer prova desportiva.

— E' o enfeitado! Olha, é mesmo o enfeitado!

— E' verdade! E' o enfeitado!

— Como eu o conheci logo!

— Também eu, o que é que julgas?

— Olha, o branco, o branco também!

— Que bom, o branco também...

A alegria com que falavam, o entusiasmo irreprimível dos jovens levou-me a olhar o azul do céu. Pus nisso toda a minha curiosidade, o meu desejo de localizar as duas simpáticas avezinhas que eram motivo de tamanha manifestação de alegria. Mas, qual! Algumas dezenas de pombos voavam alto, tão alto que eu, que ainda tenho orgulho de ver bem, não conseguí de forma alguma identificar!...

— Olha, olha, lá vem o malhado!

Não. Não valia a pena a nova experiência. Prossegui o meu caminho, sem olhar para o ar—embora no íntimo o meu desejo fosse também perscrutar o céu, seguir a seta alada dos pombos riscando os ares, alegrar-me com os mocinhos columbófilos.

PRESENTES

Apressado, com uma canastra em cada mão, o José nem atentava no chamado do companheiro:

— Zé, houve alguma pesca hoje? — perguntou o outro, pela segunda vez.

— Sim, Sardinha.

— O que é que levás nessas canastrinhas? — e chegou-se até junto do amigo.

— Um postinho de atum fresco para fulano (disse o nome, mas não interessa à descrição... por causa das dúvidas... Os leitores que me desculpem).

— Que sorte, pá! Parece que tão mesmo vivinhas! Tão mesmo a saltar os olhos!... — E depois de uma curta pausa: — E na outra, o que levás?

— Sardinhas.

— Deita aqui umas quantas — e estendeu na calçada um lenço.

O amigo despejou algumas dezenas de sardinhas, reluzentes, apetitosas.

— Chega? Ou queres mais?

— Chega, pá. Já chega. Obrigado.

Um colega do pedincho vinha vindo, de bicicleta. Assistiu à parte principal da cena. E não se conteve:

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## COMO RESOLVER A CRISE DE HABITAÇÃO LOCAL?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

herdeiros dos primitivos proprietários.

Da conversa com o nosso entrevistado, aqui deixamos, para não roubar muito tempo aos nossos leitores, uma pequena súmula:

1.ª pergunta — Na sua opinião, qual o género de habitações económicas que mais se adequaria à nossa vila, para resolver a crise habitacional?

Resposta — Acho que as casas mais adequadas ao operariado seriam as construídas em adobe de cimento e no tipo das habitações mandadas edificar pelos Vicentinos, isto é, compostas de 3 quartos de dormir, sala de jantar juntamente com cozinha, quarto de banho, despensa e um pequeno quintal.

2.ª P. — E qual seria a mensalidade a cobrar?

R. — Penso que ficaria bem ao operariado a renda de 110\$00, o que já daria alguns lucros ao proprietário.

3.ª P. — Qual o local da vila que julga mais indicado para a construção desses bairros residenciais, atendendo ao desenvolvimento industrial?

R. — O local mais apropriado, a meu ver, seria junto das casas construídas pelos Vicentinos, no prolongamento da Rua Jacinto José de Andrade até à estrada da Mata.

4.ª P. — Que número de casas acha que seria necessário construir, para resolver eficazmente a falta de habitações na nossa terra?

R. — A crise de habitação ficaria resolvida com a construção de umas 300 casas, compreendendo-se que um grande número dessas seriam ocupadas por famílias que vivem juntamente com outras.

5.ª P. — Havendo possibilidades financeiras e vontade da parte desses capitalistas, seriam possíveis essas construções com os meios e pessoal de que o nosso concelho dispõe?

R. — Era possível, pois em todo o concelho há material su-

## AS PRAIAS DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tos, até os imobilizar por completo. E as esperanças, depois, apenas residem na próxima comissão de turismo, «essa sim, vai ver!» e nas medidas oficiais que tardam, embora o aproveitamento turístico das praias algarvias constituisse, além de tudo o mais, uma magnífica fonte de receita.

De o «Diário Ilustrado»

## Visado pela Comissão de Censura

— Cucha, diabo! Andas sempre ós caídos!

— E tu com invejas...

E cada um dos quatro que nesse momento se cruzaram procurou seguir o seu destino...

## MOMENTO POÉTICO

O mar é azul, azul e verdoso, retratando o céu — que espelho-repouso!

Os dois, o silêncio e a ondulação... (Que coisa mais estranha o meu coração!)

Estamos os dois cismando, a sonhar. — Que fascinação tem, pra nós, o mar!

Vejo que te banhas no imenso vestido do lençol das águas em sonhos flectido...

Se eu pudesse dar-te um lindo vestido feito deste mar, com este mar verde e azul, de encantar — talvez não tivesse mais ciúmes do mar!...

A. Vicente Campinas

ciente e artífices com bastante prática e habilidade.

Depois de agradecermos a maneira amável como o sr. Mateus Fernandes se prontificou à nossa entrevista, dirigimo-nos à fábrica de mosaicos, do proprietário e construtor civil, sr. Domingos Horta, que, com toda a satisfação, se prestou a atender-nos.

As perguntas foram as mesmas e as respostas pouco divergiram, pelo que é lícito pensar que estamos no bom caminho.

1.ª Resposta — Na minha opinião, acho que o mais indicado seria a construção de casas em blocos de cimento, cujo valor não fosse além de 30.000\$00 por unidade. Estas casas compreenderiam: «hall» de entrada, 3 quartos, sala comum com a cozinha, quarto de banho, quintal com uma pequena arrecadação, pia para lavar roupa, água encanada e luz eléctrica.

2.ª R. — A renda mínima mais adequada, para dar dividendo, compensador seria de 150\$00.

3.ª R. — O local para a construção dessas casas económicas seria, a meu ver, nos baldios da Câmara Municipal, no lado sul da vila, próximo do farol.

4.ª R. — Acho que a crise habitacional ficaria resolvida com a construção de 300 casas, do tipo indicado.

5.ª R. — Se a Câmara facilitasse a venda de terrenos, de forma a poder construir-se, numa base económica que não fosse além de 10\$00 o metro quadrado, certamente os nossos capitalistas se resolveriam a empreender uma obra de grande envergadura. Quanto ao pessoal, temos no nosso concelho operários bastante habilitados e em condições de qualquer trabalho.

Depois da nossa entrevista, tivemos ensejo de visitar a fábrica de mosaicos, que se encontrava em plena laboração, sendo devidamente informados pelo seu proprietário, sobre o interessante fundamento da mesma.

E despedimo-nos do sr. Domingos Horta, depois de agradecer-lhe a maneira solícita como dos atendeu.

Entretanto, prometemos voltar ao assunto, registando, oportunamente, outras opiniões de técnicos e entendidos na matéria a que nos vimos referindo.

A. de Mendonça

## O problema do abastecimento do pão aos pescadores, nesta vila

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Inácio Alfaiate e António Nunes, que ouvimos os proprietários de padarias de Vila Real de Santo António sobre a veracidade das afirmações contidas no citado artigo do nosso jornal.

Depois desta diligência, aqueles dirigentes visitaram a nossa Redacção, acompanhados pelo conceituado industrial de padaria da nossa praça, nosso prezado amigo sr. António Gomes Toledo, para nos informarem de que as anormalidades nos abastecimentos do pão só se verificam esporadicamente, durante a safra da pesca, mormente quando na nossa vila se aglomeram dezenas de barcos de todos os centros piscatórios do País, porquanto, nos tempos normais, a produção das padarias existentes supre convenientemente as exigências do consumo.

Como tal anormalidade é transitória, acham aquelas entidades que o problema não pode ser solucionado pelos industriais de padaria, em virtude de não poderem prever os dias exactos em que se darão aglomerações de pescadores, e, por isso, não se responsabilizam a fabricar mais unidades do que aquelas que estão previstas para o consumo da população.

Segundo nos esclareceram, haveria, talvez, forma de solucionar-se a dificuldade do abastecimento de pão aos pescadores, caso os armadores (ou os seus representantes) pudessem requisitar a tempo, as unidades necessárias para o consumo dos indivíduos matriculados nos seus barcos, dado que, pela rádio marítima, são avisados com bastante antecedência da chegada dos mesmos.

Sem comentários, aqui consignamos o alvitre.

## CRÓNICAS



### IRREQUIETAS

VII

#### Cá como lá...

Na semana passada, fomos a Faro. As saudades aumentavam, dia a dia, e um desejo enorme de nos enseo para lá ficar uma noite.

Faro, para nós, representa mais do que uma grande cidade, mais do que uma capital de província: representa uma grande metrópole de saudades, deixadas a vaguar por recantos tristes, alamedas floridas e salas austeras do moderno Liceu.

Somos dos antigos, daqueles que ainda prestaram provas nos «apertos» dos exames, no antigo Liceu, hoje Escola Industrial.

Nos tempos dos exames, deixávamos o Externato Nacional e lá íamos deabalada, rumo a Faro, onde prestaríamos provas da *ca-bulice* do ano de estudo. Os *apertos* eram enormes e víamos-nos e desejávamos-nos para nos safarmos vitoriosos daquelas *batallas* com os magnânimos domadores de *raposas*.

Pois, na semana passada, deambulámos pelas ruas nossas conhecidas: e, na parte da tarde, demos um passeio até à Alameda, onde reinava grande azáfama na construção de modernos «Stands» para a Feira Popular, que terá início para o mês de Junho. Sentámos-nos à fresca e recordámos certos passeios com uma garota cá dos nossos conhecimentos, e que muita tristeza deixou.

Na parte da noite, depois de jantar, lá fomos dar uma volta pelo Jardim João de Deus, onde todos os anos, por alturas dos exames, ferveilha de miúdas de todo o Algarve.

Andávamos com a nossa bagagem de saudades, quando um velho companheiro de exames e de *farras* nos sacudi violentamente, pondo fim ao sono letárgico que nos envolvia.

— *Eia, pá, há tanto tempo que te não vi!*...

— *É verdade, o tempo passa depressa, e nós somos apenas tristes figuras efémeras que por cá passam.*

— *Então, que fazes lá pela tua vila?*

— *Lá, trabalho, e lá vivemos — Pois eu, cá em Faro, continuo o mesmo de sempre, com os meus namoricos. E tu?*

— *Eu deixei-me disso. Tu tens recebido o «Notícias do Algarve»?*

— *Tens lido lá as «Crónicas Irrequietas»?* *Pois eu sou um dos repórteres.*

— *Ah, sim? Eu tenho lido. Cá em Faro, fazia falta uma secção dessas, num dos nossos jornais. Há tanta coisa que vasculhar...*

Insurgiu-me contra o meu amigo, porque disse não havia em Faro, mas só em Vila Real, que é um sítio privilegiado pela Natureza, tanto paisagístico, turístico, milicianístico, banhistico como, principalmente, linguístico.

— *Olha, olha, não há! Se tu soubesses! Há cá uma miúda que mal o Verão começa, começa ela a conquistar turistas.*

— *Lá também há uma! — disse eu, espantado.*

— *E há muito mais. Outra, que mal viu cá um rapas feitoso e soube que ele tinha deixado a namorada, lançou-se-lhe logo. Telefonava-lhe, visitava-o, escrevia-lhe, eu sei lá; mas ele não caiu na rede.*

— *Agora anda a ver se pesca um engenheiro.*

— *Mas lá, também...*

— *Está bem, deixa-me contar-te mais. Quando estiverem cá uns tipos de um lubrificante, duas meninas lançaram-se logo a eles; pareciam que tinham falta de óleo no «carter». Outra menina, que é professora, pôs o namorado a andar porque não dava «rendimento». Depois, ele dedicou-se à fotografia, mas saiu-lhe tudo negativo. Há outras garotas que, mal chegam os milicianos, andam tão junto a eles que só lhes falta andar de burrinho; outras fartam-se de olhar, trazem as mãos para verem se convencem os rapazes, mas nada.*

Eu nada retorqui. Pela noite fora, ouvi outras iguais, que me gelavam o sangue.

Mais tarde, já a caminho da minha saudosa terra, ao olhar pelas vilas e aldeias que ao redor de mim passavam, pus-me a pensar, e disse para comigo:

— *Final, tanto lá como cá... má língua há!!!*

Está aberta a inscrição para a oferta a fazer a quem construir um HOTEL, num local bastante conhecido pelas suas óptimas condições para uma estância de turismo.

Desta vez, damos à publicidade duas cartas que nos vieram dirigidas na passada semana e que, de um modo agradável, vieram incitar-nos na nossa árdua tarefa, que é a de fazer um pouco de humor num mundo que nada tem de ridículo.

Uma das cartas, assinada por «Uma Amiga» (supomos que não é a primeira vez que nos escreve), dirige-se-nos em termos amáveis e defende-nos calorosamente. Supomos que esta nossa estimada amiga mantém a sua actividade na Av. da República, cremos que na parte norte.

A outra carta, também redigida em termos elogiosos, que agradecemos, vem assinada por «O Fotógrafo». Este nosso amigo defende igualmente todos os nossos instantâneos. Presumimos que se trata de pessoa muito nossa conhecida, e que se dedica ao seu labor no centro da vila.

A todos, os nossos agradecimentos e votos para que não sejam *fotografados* cá nas Crónicas.

Eis as cartas, por ordem de cortesia:

«Simpáticos cronistas:

Mais uma! Este será o vosso comentário, quando receberdes esta carta.

Pois, queridos amigos (dão-me licença que os trate assim?), é verdade, mais uma que vem referir-se às vossas crónicas irrequietas. Mas não pensem que será dentro dos mesmos moldes da «desconhecida» que, na passada semana, foi até vós. Não, eu não venho censurar-vos, mas, sim, aplaudir-vos.

A «desconhecida» diz que ia «defender aguerridamente (que valente!) AQUÍLO a que achava dever fazer justiça»...

Mas... AQUÍLO, quê?

Não vejo o que se tenha que defender!

Vós não indicais pessoas, não mencionais nomes! Podeis até adoptar aquela velha frase:

«Qualquer semelhança com factos reais é pura, simples e mera coincidência», à qual eu acrescentaria uma, também com barbas:

«A quem servir a carapuça...» e essa senhora ou menina (?) parece, ao contrário do que afirma, que a «enterrou», ou... tem medo que lhe venha a servir, se lhe calhar a estar na «berlinda»!

Continuai, pois, com a vossa «crítica», à qual a vossa conterrânea chamou «má língua», e se má língua é, de verdade, o remédio é santo: a «má língua», não tendo alimento, forçosamente tem que acabar, e, quando esta não tiver com que se alimentar... «bem vai o mundo»!

Recebei os meus sinceros aplausos e... «para a frente é que é o caminho».

Sempre ao vosso dispor — Uma Amiga.

«Meus caros irrequietos cronistas

Tenho na minha frente o jornal do passado domingo, e com ele as vossas «saltitantes» crónicas.

Releio a parte final, em que aparece a «carta de uma desconhecida» — o título creio que é de Stefan Zweig — e não posso ficar inactivo perante a réplica da — suponho jovem — dama.

Por meu lado, também informo que as vossas esféricas ainda não se ocuparam de mim, e mesmo que já tivessem despejado a «carga» a meu respeito, desde que fossem verdadeiras justas, não deixaria de louvar a vossa atitude.

## O AMBIENTE RURAL NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mente dispostos, com suas bordaduras e canteiros, faz-se também ao ar puro e ao sol, mas não dá às crianças a plena liberdade de cavar, de cultivar, de construir e de destruir. O ambiente urbano, resultante de longa evolução, laborado por séries de gerações, corresponde às necessidades e mentalidades de adultos. Para as crianças, ainda em estado rudimentar de desenvolvimento físico e espiritual, são mais adequadas, como ambiente de formação, a natureza e a simplicidade campestre. No campo adquirem facilmente as primeiras noções sobre as coisas, o que é bem mais importante do que conhecer muito cedo o alfabeto, ou balbuciar linguas estrangeiras, ou aprender precocemente os usos mundanos.

Ferreira da Mira

Está sujeito a multa quem não actualizar o seu bilhete de identidade quanto à profissão residência e estado civil

Em face do disposto no art.º 10.º do Decreto-Lei n.º 41.077, que entrou em vigor no dia 4 do corrente mês de Maio, tornou-se obrigatório o averbamento, no bilhete de identidade, de todas as modificações dos elementos de identificação do portador, ocorridas posteriormente à emissão do bilhete.

Por virtude de tal disposição legal, o indivíduo que mude de profissão, residência ou estado civil, terá que requerer o respectivo averbamento do facto no seu bilhete de identidade, devendo fazê-lo no prazo de 60 dias, pois findo tal prazo ficará sujeito a multa de 100\$00, que será aplicada mesmo que o interessado espontaneamente requeira depois o mesmo averbamento ou a substituição do bilhete de identidade.

Encontram-se depositados no Posto P. S. P., desta vila, os seguintes objectos, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes: Um sapatinho de criança, uma fíga de ouro e um porta-moedas de senhora.

## QUEM PERDEU?

nha nascido na época antecedente ao Carnaval, mais ou menos na altura do curso de sargentos milicianos. Tenho quase a certeza de que, nessa altura, as quatro páginas do «Notícias do Algarve» seriam insuficientes.

De lamentar é também — mas isso já é pesado — que elas não sejam ilustradas com instantâneos fotográficos, pois as palavras não conseguem exprimir o realismo delas.

Como, decerto, já terão reparado, o meu forte não é a prosa. Quero eu dizer que esta ladainha só vem a propósito de a «desconhecida» desejar saber a opinião dos leitores de «Crónicas Irrequietas». Não posso responder, de forma nenhuma, por todos, mas tenho a impressão que todos os novos, como eu, não deixam de ficar satisfeitos ante as «pedrinhas» que «os 2 repórteres» atiram com tão magistral pontaria. O meu pouco préstimo e a minha «máquina fotográfica» ficam, desde já, à vossa disposição, incitando-os a continuar, porque, como dizia o filósofo: «parar é morrer».

Com os meus cumprimentos, apresento os votos de boa disposição — O Fotógrafo.

E com isto, até para a semana, leitores amigos.

O 2 Repórteres